

## A FAMÍLIA: UMA ABORDAGEM FILOSÓFICA

Paulo Meneses  
UNICAP — PE

**A** Filosofia e a Família têm andado desencontradas ao longo da história da Filosofia e da Humanidade.

*O centro do pensar filosófico, nos seus primórdios, era o cosmos: a totalidade do mundo físico, a grande máquina do universo, desde o céu estrelado até às profundezas do oceano e das entranhas da Terra.*

*Chegam os socráticos e este centro se desloca, em direção da polis (esse cosmos ou ordem promovido pelo homem social), e em direção da alma (esse microcosmos ou mini-estado, cuja complexidade era regida pela ética, como a 'polis' era regida por sua constituição).*

*Vem o cristianismo, e o homem, feito à imagem e semelhança de Deus, tem uma vocação pessoal e intransferível para unir-se ao seu Criador, salvar sua alma, cultivar as virtudes e conquistar o reino dos céus. Seu 'plural', ou sua comunidade, é a Igreja, a universalidade dos que têm a mesma fé, onde todos são irmãos e Deus é o Pai.*

*Chega a época moderna, e o individualismo domina tudo: a subjetividade, a autonomia, a fundamentação dos costumes e da vida pessoal e social sobre a única base da razão do indivíduo, não deixam sequer espaço para considerar a família como um 'locus philosophicus'.*

*Parecia que no século 19 - a idade do social - a importância que os aspectos propriamente sociais da vida humana ganharam depois da revolução indus-*

trial e da urbanização acelerada, que ainda se acentuaram mais em nosso século 20, o clima fosse toruar-se mais propício à reflexão sobre a família, mas aconteceu o oposto: o social que atrai os homens é a sociedade total, as forças estruturantes da história, as solidariedades de classe, de nação, de raça. E ao mesmo tempo, se aprofunda, com a dominância do capitalismo, sua ética individualista, seu hedonismo radical.

*Por que os filósofos passaram ao lado da família e dirigiram suas poderosas inteligências para outras direções? Talvez não seja alheia a isso a tradição celibatária dos grandes filósofos, tanto assim que o primeiro a romper essa tradição, Hegel, foi também o primeiro que deu um razoável espaço filosófico à família. Mas é claro que os fatores culturais, ou a estrutura social de modo geral, foram determinantes para isso: o papel atribuído à mulher e à vida doméstica entre os gregos, fazia ver na família o lugar em que se formava o homem como ser biológico: a educação, a cultura, a vida propriamente humana da polis se situava além e fora da família.*

*Junto com esses fatores culturais, parece-me que o filosofar sobre a família ficou inibido ou prejudicado por um jogo tão óbvio quanto deformante de oposições: o biológico e o social; o público e o privado; a liberdade e conquista de sua identidade pelo indivíduo, e os quadros tradicionais que modelaram seu crescimento. Padeceria nesse último caso, essa atitude, um certo adolescentismo, que leva a negar em bloco os valores recebidos na infância, sem reparar que até a força para negá-los foi recebida através de uma educação que lhe transmitiu o espírito crítico; e que toda a negação só pode ser determinada, e justamente determinada por aquilo que se nega, como num claro-escuro que destaca e dá sentido às figuras.*

*Aplicada à família, a dicotomia biológico-social serve para atribuir à família a formação do corpo, ou o desenvolvimento biológico da criança; e transferir para outras instâncias a conformação do homem, do cidadão, membro de uma sociedade, participante da cultura e construtor da história. Com isso não se atende à função importantíssima da família na socialização, na endoculturação dos indivíduos. De fato, a família é determinante do tipo de socialização que recebem as crianças; é ela que ensina a falar em uma certa língua, e junto com o idioma lhe incute todo um elenco de hábitos e valores, de atitudes e orientações tão profundamente arraigadas que se apresentam depois como evidências espontâneas, como a forma normal de levar uma vida propriamente humana.*

*O mesmo se diga da dicotomia público/privado. Sem dúvida, a família está mais para o lado privado, que para o lado público da vida. Mas as relações entre público e privado são mais sutis e conviêntes do que deixa supor essa dicotomia demasindo clara. O fenômeno do poder é central em todas as relações humanas, e é na família que a pessoa primeiro o descobre e vivencia. E a descoberta de que os outros também existem, e por sua presença impõem limites a meus desejos, exigem seu espaço, impõem seus direitos a cada passo,*

*não deixa de ser uma descoberta da cidadania, uma introdução à coexistência política e mesmo ao exercício da cidadania.*

*Quanto à oposição entre a afirmação de si mesmo, e o enquadramento em uma estrutura preexistente, já aludimos acima. Absolutiza-se uma oposição que só tem sentido enquanto dialética, ou seja, enquanto cada termo e condição para levar o outro a superar-se, e na sua polarização fazer que irrompa a criatividade humana; que não cria a partir do nada, e sim do tesouro de veneráveis tradições.*

*Esses jogos de oposição - em que a família sempre ocupa o pólo de menor valor, em contraste com o qual se afirma o que se quer realmente desenvolver - mostram que a família não é visada em si e por si, mas antes como um fundo escuro contra o qual se destaca o que merece análise e atenção. Onde não há análise teórica expressa; quando um tema já se pressupõe óbvio, e é liquidado em rápidas pinceladas ou jogos de contrastes, quer dizer que está sendo recebido, tal e qual, dos preconceitos sociais, da ideologia imperante; que passa por tão evidente que nem sequer é criticada. Claro que a filosofia, desde o começo, teve por tarefa filosofar sobre a totalidade do real. Porém cada parcela ou ângulo do real só se destaca propriamente à reflexão quando se apresenta como objeto de curiosidade, ou de admiração; quer dizer, de estranhamento. E a família tem essa marca de parecer tão 'família' que nem suscita questionamento espontâneo: as pessoas se sentem de tal modo 'familiarizadas' que não vêem nela um problema filosófico, um desafio como a Esfinge que dizia "Decifra-me ou te devoro". A problemática do homem e da ética, surgiu com a crise da cidade grega: antes a pessoa e seus costumes estavam imersos naquela "eticidade compacta" que era a polis (Hegel). A Filosofia Social, a Filosofia da História vieram a surgir no século passado, depois do choque da urbanização e da revolução industrial. Claro que desde S. Agostinho havia uma Teologia da História, mas o pensamento filosófico só se tornou historicocêntrico com Hegel.*

*O que poderia deslocar a atenção dos filósofos para a família? Sua profunda crise e as conseqüências que tem sobre a pessoa humana e sua sociedade? Mutações culturais, novas formas de convivência alternativa, cansaço com a massificação do indivíduo, com os descaminhos da modernidade que, em busca da razão, foi muitas vezes tão pouco razoável? A busca de formas mais humanas de vida, de convivialidade, de fraternidade? Quem sabe se o clima 'pós-moderno' depois da valorização exclusiva do sujeito, ou da macro-estrutura, não seria favorável para um retorno às realidades de convívio, de convivialidade e de afeto que caracterizam a família?*

## *A família e o surgimento da humanidade*

Há consenso de que a sociedade humana foi precedida por sociedades sub-humanas, por hordas de primatas, de que a espécie humana provém. É muito interessante a tese de Lévi-Strauss que caracteriza a passagem da natureza para a cultura, das hordas sub-humanas à sociedade humana propriamente dita, pela constituição da família. Quando o grupo deixou de ser horda promiscua, sob os caprichos de um macho dominante, e se constituiu em unidades exógamias, organizada sob uma norma que proibindo o incesto, punha as mulheres de um grupo à disposição de outros grupos, assim a relação de pais e filhos, de irmãos e irmãs se pôde estabelecer; e por mecanismos de aliança, os grupos consanguíneos puderam ir tecendo a teia de sociedades cada vez mais numerosas e complexas. O ser humano é fruto dessa organização cultural que lhe faz ter um pai e uma mãe, que têm deveres para com ele, aos quais deve respeito e obediência: dos quais recebe não só a vida biológica, mas também as normas e aquisições da cultura e da sociedade. E é um ser que tem irmãos, não somente pessoas do mesmo sexo ou de outro sexo, ao seu redor, da mesma geração, mas seres unidos por laços de educação comum, de obrigações de partilha, por laços afetivos e de cooperação generalizada. É um ser que tem parentes (consanguíneos, aliados), e desde cedo aprende que as relações para com os outros define seu ser, sua vida, seu status. Na verdade, a família humana "se parece mais com unidades como ordens monásticas ou corporações artesanais, do que com o remoto grupo biológico que lhe deu origem" (Linton).

A família não é apenas um tópico da reflexão etnológica ou sociológica, mas constitui um problema fundamental para a antropologia filosófica, e mesmo para qualquer filosofia da existência, do "Eu": de qualquer consideração que queira entender o homem. Pois a família foi a condição necessária, mais ainda, foi constitutiva de sua "humanidade". Não só na "filogênese" (de sua espécie), mas na sua "ontogênese", na constituição de sua personalidade, do seu "Eu". Tudo o que foi dito sobre a necessidade do "Outro" para se constituir um "Eu", da simbiose de um Eu e de um Tu no selo de um Nós, tudo isso é ainda mais verdadeiro e mais originário na família. A presença da mãe, sua relação para com ela, essa osmose e distinção, diferença e identidade, essa rede de conhecimento e reconhecimento, de amar e de ser amado, essa satisfação de necessidades, a começar pela necessidade de ternura e acolhimento, esse complexo de sensações, de emoções, de experiências e de compreensão que constituem a convivência da criança com a mãe, não só marcam a personalidade, mas a constituem. Acresce a isso que o homem é um animal simbólico: e é com a mãe que aprende a falar, a comunicar-se; com a língua materna as idéias, as categorias, os valores da sociedade e da cultura lhe são transmitidos e moldam sua maneira de ver o mundo e de situar-se nele. A figura do pai é também importante, não só por oferecer desde o princípio uma experiência da dualidade de sexos e de relacionamentos, mas também por ser uma experiência da autoridade, do poder, com o qual, sob uma forma ou outra, o ser

humano vai ter que lidar durante toda a sua vida: micro-poderes, que são um verdadeiro novelo em torno da pessoa e de sua existência. Poderes pelos quais vai lutar, que vai querer assumir ou combater, mas dos quais não vai poder escapar, como não pode escapar da atmosfera (a não ser criando uma micro-atmosfera na sua nave espacial ou no seu escafandro)... Não precisa insistir no que há de ambíguo e de conflitivo nessas relações: o que queria acentuar é que não são relações que se acrescentam ao ser já formado, mas são relações estruturantes, que o formam e conformam, que o constituem. Mas a família, sobretudo nos seus inícios, e até uma época relativamente recente, não era só, nem mesmo principalmente, o grupo conjugal, e sim uma estrutura bem mais complexa, que abrangia uma rede de consangüíneos e de aliados. Uma rede tão extensa que terminava por abranger a sociedade inteira, e assumia todas as funções políticas e econômicas e outras funções sociais que depois a sociedade atribuiu, no seu desenvolvimento, a instâncias diversas e especializadas: escolas, empresas, associações, igrejas, etc. As vantagens da família ampliada, e de suas ramificações até onde terminava o horizonte do clã e da tribo, é estender para a sociedade total os padrões de relacionamento familiares, em especial as relações de fraternidade. Todos se tornam de certa maneira "irmãos"; e as relações entre irmãos significam solidariedade, partilha, estima mútua, e mesmo ternura.

Com a divisão da sociedade em classes, com o advento do Estado para manter uma ordem estabelecida sobre a desigualdade, passou a dominar um modelo inverso ao da fraternidade, onde os membros da sociedade, pertencentes a classes inferiores, eram tratados não como irmãos, mas como animais. Como no Neolítico o homem domesticara os animais e os pusera a seu serviço, agora com as primeiras civilizações é como se tivesse domesticado outros homens, pondo os escravos a trabalhar para seus donos como animais. E o Estado, que surgiu como "despotismo asiático" nunca perdeu, de todo, esse caráter de potência opressora e repressora.

É verdade que durante muito tempo, até mesmo na constituição da Cidade Grega e da República Romana, e em menor grau, ainda na Idade Média e Renascimento, os laços e as estruturas familiares temperaram em grande escala a dureza de uma sociedade de classes e de um Estado soberano. Mas com o advento do capitalismo, sua lógica se impôs de forma crescente; e em vez de ser a sociedade global moldada pelas relações de família, é a própria família que tende a receber o modelo da sociedade envolvente e de sua ideologia. Serviu a isso a dissolução da família ampliada, o desconhecimento progressivo dos grupos de consangüinidade e de aliança, até se reduzir à família nuclear, ao casal e seus filhos. Sem o apoio e o conforto de um novelo de relações e de solidariedade envolventes, o homem e a mulher se defrontam sem mediação, nem instância de apelação, sem alibi para seus inevitáveis conflitos, que antes se dissolviam em boa parte no grupo familiar mais extenso. Tendo o casal de lutar sozinho pela manutenção e educação da prole, muitas vezes em condições adversas, as forças centrífugas rompem facilmente os laços pessoais, a começar pelo afeto recíproco e o amor pelos filhos.

*A ideologia dominante que proclama o direito exclusivo do prazer, e atribui um caráter repressivo e castrador aos deveres, é dissolvente para o equilíbrio e a sobrevivência de uma instituição como a família, toda baseada em reciprocidade, nas obrigações e nos dons recíprocos. Realmente, se o que se espera da família é a satisfação sexual dos cônjuges, isso pode ser conseguido, de forma mais brilhante e variada, em outros relacionamentos. E se os filhos não são desejados "em si e por si", vão constituir um estorvo à busca insaciável de consumo e de prazer; e não admira que em países capitalistas avançados haja apenas um filho em média por casal; o que significa o declínio (e desaparecimento a longo prazo) daquele povo, e a substituição inevitável pelos atuais imigrantes. Parece que a alma da ideologia capitalista, a busca do maior lucro do indivíduo, está em oposição com o "ethos" profundo da família. Pois a família tem por base o dom: a mãe dá ao filho a vida, o leite; o pai provê ao seu sustento, e lhe dá educação; os irmãos dividem fraternalmente entre si o que adquirem, etc. Esse padrão do dom recíproco foi transferido das unidades familiares para formações sociais mais abrangentes. É pois na família que o ser humano faz a experiência da reciprocidade - lei fundamental da sociedade humana -, de sua ética, de sua organização social, e do funcionamento pacífico de suas instituições. Creio que é nesse ponto que a família surge como um verdadeiro "locus philosophicus". Não é uma conferência adequada para uma reflexão filosófica sistemática sobre a família, mas de qualquer maneira se podem traçar alguns tópicos que ajudem a filosofar sobre a família; sem ter a pretensão de delinear os "Prolegômenos a toda a metafísica futura" a propósito da família.*

## ***A família, ponto germinativo da "intersubjetividade", do "nós", do "reconhecimento"***

*Filosofar sobre a "Intersubjetividade" tornou-se uma das vertentes da filosofia contemporânea, assim como a questão da "subjetividade" constituiu a marca da filosofia moderna. O caminho foi aberto por Hegel, com suas análises memoráveis sobre o reconhecimento, sobre o Eu constituindo-se no enfrentamento com o Outro, sobre a reconciliação. Max Scheler, Buber, Levinas, são alguns nomes que se destacam nessa corrente de pensamento, que além de rico é profundamente humano.*

*Ora, essa vivência da intersubjetividade, o encontro com o Outro, a descoberta do Tu - e portanto do Eu que com ele se relaciona e vive a sua presença - é na família que se efetua. Se os cinco (ou mesmo os sete) primeiros anos marcam definitivamente a vida do ser humano, nesse período é no seio da família que o espírito se desenvolve, e faz suas descobertas que lhe definem a personalidade, o modo de ser como ser humano, como ser social, e também, poderíamos dizer, como "animal metafísico".*

*A relação da criança com a mãe começa antes do nascimento. Claro que essa relação não é ainda reflexiva, mas já é constitutiva do modo-de-ser, da convivência única que se estabelece entre a criança e sua mãe. Com o nascimento, a mãe é vista, é tocada, e pelo aleitamento torna-se a fonte de olhares, de carinhos; e a comunicação, que se intensifica, vai desembocar no aprendizado da língua, e na troca constante de mensagens; quando ao mesmo tempo as relações de carinho, de afeto, se tornam mais lícidas, e é na vivência de um Tu - o de sua mãe - que o Eu da criança se constitui, que toma consciência de si já dentro de uma relação; esse Nós, primeiro e primordial, formado pela mãe e a criança.*

*Essa intersubjetividade que os filósofos analisam é de fato, e num plano mais profundo e intenso que as outras relações posteriores na grande sociedade, uma vivência que foi feita por cada um de nós em família. O 'reconhecimento' - de que fala Hegel - é de fato fundamental nas relações interpessoais e sociais; só que não surgiu a partir do enfrentamento de vida ou morte que inaugurou a relação de senhor e escravo. Ele brotou, de forma originária, de uma relação inaugural de vida, no seio de primeiro amor que é o amor de mãe. E de fato, é um reconhecimento ainda mais rico, pois o reconhecimento aqui, não é só conhecer que se é conhecido e conhecer quem também o conhece e reconhece, mas é uma reciprocidade mais total: é saber que se ama e que se é amado por quem se ama. Cada um de seu lado faz aqui a mesma operação que o outro; só que não é apenas uma operação cognitiva, mas também uma operação de amor. Mais ainda, é uma operação de conhecimento no amor - dentro do amor e através do amor, pois só este é o conhecimento que forma um Tu, e um Nós. É assim que o homem aprende a conhecer através do amor. Quer dizer, nesse relacionamento primordial o seu humano recebe "régua e compasso" para seus relacionamentos futuros: no seio da própria família, na família que vai constituir-se (sabe-se quanto a escolha da parceria está marcada pela imagem e vivência da mãe) e com a sociedade mais ampla. Ali vai tecer redes de amizades, que têm a mesma matriz de conhecimento e amor, de conhecimento pelo amor; e as diversas associações em torno de objetivos e "amores" comuns, entre as quais avultam as relações com os concidadãos, unidos em torno da mesma mãe-pátria. Foi também a família que forneceu um padrão para esses relacionamentos, pois o amor fraterno é o modelo de todas essas fraternidades e irmandades em que, de certa forma, se expande pela sociedade, levando junto com ele a ética familiar do dom e da reciprocidade. Que sucederia se família não houvesse, ou que ela se dissolvesse e desfigurasse? Sucederia o que tem sucedido e está sucedendo hoje de forma assustadora: personalidades desajustadas, sociedades onde reinam o desamor e a violência, a desumanização geral.*

*Mas há também na família a figura - tão importante - do pai. Essa figura, que tem um papel duplo, ou mesmo ambíguo, vamos caracterizar em breves traços. Pelo Pai, a criança sai de uma relação dual para uma relação plural, o que é decisivo para seu desenvolvimento e sua liberdade. De outro modo, ficaria cristalizada na pura relação materna, o que seria absorvente e sufocan-*

te para um desenvolvimento extra-uterino, autônomo. A presença do pai obriga a criança a lidar com a diversidade de relacionamentos, a não escolher um rejeitando o outro, mas a conviver com a multiplicidade de relações, dividindo (ou, na verdade, multiplicando) o seu amor e sua atenção por mais de uma pessoa.

Além disso, a diversidade de sexos é por si só um estímulo e condição para a criança ter amores que são também diversos. O pai não oferece o seio, como a mãe: seu tipo de relacionamento é diverso; e diversas são também as atitudes da criança para com ele. Mas o importante é que a presença do pai introduz um conflito. Não é que conflito estivesse ausente na relação com a mãe; mas aqui é um novo conflito, que incide diretamente na relação entre a criança e a mãe. O pai se interpõe; e o faz com poder, como quem domina a situação, e traça limites ao relacionamento materno; o pai é a lei, o poder. Ainda mais o pai não só é um Outro com o qual a criança deve também relacionar-se, mas sua presença estabelece um triângulo amoroso. Ele e mãe se amam, e nesse amor, a criança não entra, o que a deixa insegura, sentindo-se de certa forma espoliada, por perder um monopólio, e rejeitada, por estar fora do amor conjugal dos pais. Há portanto uma crise nos primeiros anos de vida da criança, que é uma crise de crescimento: superá-la é a condição de crescer, ou é o próprio crescimento. Quem não a supera, pode desenvolver psicoses, prejudicar toda a sua vida psíquica ulterior. As crianças normais conseguem aos poucos ir convivendo com os limites e a pluralidade induzida pela presença e autoridade paterna. E conseguem também assimilar a presença dos irmãos, com os quais têm de dividir a atenção e carinho dos pais, e aos poucos ter o maior prazer em viver em simbiose com eles, na unidade familiar. Esse grupo de irmãos, preferentemente de irmãos e de irmãs, tem um influxo profundo na formação da pessoa, na convivência social: são relações conviviais, de considerável carga emotiva; mas, por outro lado, estabelecidas entre seres independentes, com certa marca de igualdade e implicando uma reciprocidade e solidariedade, que nos primórdios da humanidade serviu de padrão para a sociedade ampla; e que ainda nas nossas fica como uma nostalgia ou proclamação de princípio das religiões e das utopias revolucionárias "igualdade, fraternidade".

A vida do homem, como ser social, é toda constituída de trocas, de intercâmbios, ou seja, de comunicação recíproca com os outros. Em nossas sociedades capitalistas o que se troca são mercadorias; e tudo o que troca acaba assumindo a forma de mercadoria: o ensino, o trabalho, os conhecimentos, etc.; de uma forma que surpreenderia civilizações anteriores à nossa. Tudo está à venda, tudo se compra: é um princípio - ou imperativo categórico - donde se pode deduzir com lógica aparente, todo o tipo de corrupção, de tráfico de influência e de prostituição no sentido próprio e no metafórico. Vê-se também que o narcotráfico, baseado em lavouras tão rentáveis e num comércio tão lucrativo, está na lógica do sistema, já que as indústrias durante séculos poluíram impunemente o meio ambiente, e os fabricantes de drogas assassinas como o álcool e o cigarro, sempre gozaram da proteção dos Estados, pelo montante de

*impostos que produzem, e pela alta demanda social desses produtos, que as empresas nacionais e multinacionais se apressam em satisfazer.*

*Todo o sistema social, pelo dinamismo de suas estruturas em funcionamento, produz um campo ideológico que irradia pelo conjunto das instâncias da sociedade e da cultura; esse campo ideológico é, numa causação circular (ou feed-back) condição e causa da reprodução ampliada desse sistema. Não é pois de se estranhar que o impacto dessa universalização de mercadoria, e da lógica do maior lucro, tenha tido sobre a família um efeito devastador. Produziu a pulverização das unidades familiares em átomos (ou famílias nucleares), dissolvendo a família ampliada até onde os laços de parentesco e de consangüinidade podiam estender-se. E essa família nuclear foi em seguida submetida às pressões da competição e apetite insaciável do consumo que permeiam o sistema, donde sua instabilidade e alta rotatividade de cônjuges, o que tem como caso limite a abolição da família propriamente dita. Toda essa tendência produziu a neutralização da influência que a ética da família, a ética da dádiva e da reciprocidade, irradiava sobre a sociedade como um todo; e que nas primeiras sociedades humanas determinava o complexo das relações sociais (ver Mauss, Ensaio sobre o dom). Agora o que se vê é o refluxo da lógica da mercadoria sobre os laços familiares: a oposição de pais e filhos, e de irmãos entre si, em torno dos bens familiares e de sua partilha, que leva a lutas ferozes e a ódios perpétuos. Não vai demorar muito que os filhos queiram pedir indenização aos pais, e sobretudo à mãe, por traumas ocorridos na tenra infância, e os pais queiram ser reembolsados por gastos de alimentação, vestuário e ensino. No limite, até pelo fornecimento do leite materno, e das horas-extra que a mãe passou cuidando de seu bebê. Esperemos que tal não aconteça, pois desse modo o ser humano não só negaria sua humanidade, mas até mesmo tradições ainda mais arcaicas que caracterizam a ordem dos mamíferos a que pertencemos, e a sub-ordem dos primatas, tão dedicada ao cuidado e treinamento de seus filhotes. Regrediríamos à etologia dos sáurios.*

*Hegel diz na sua Fenomenologia que é preciso chegar a um extremo de impasse e de absurdo para se fazer uma reversão dialética, e sentir a necessidade de negação de uma negação que está tudo destruindo (ver Fenomenologia, A RAZÃO, 340, p. 216). Isso já nos dá uma certa esperança, pois como dizia Dom Hélder, "quanto mais escura fica a noite, mais está perto a aurora". Ainda mais que Hegel também afirma que "o espírito é tanto maior quanto maior é a oposição da qual retorna para si mesmo" (Ibidem).*

*Vamos, pois, concluir estas considerações com um apelo à esperança. Parece-me que a humanidade está ficando cansada desse modelo da sociedade/mercadoria, dessas racionalidades capitalistas, tanto do capitalismo selvagem como do neo-liberal. E das relações sociais desumanas que traz consigo. Movimentos de protesto, mal-estar e violência por toda a parte, e mesmo as tentativas pós-modernas soam como um fim de época, ou como exaustão de um paradigma. Não seria a hora de redescobrir a família - sua convivialidade, sua ética de dom e de reciprocidades, seus laços de profunda humanidade que por*

consangüinidade e aliança se estendem a perder de vista na sociedade como um todo? Reaprender o amor e fidelidade, depois das experiências de sexo sem amor nem compromisso? Recuperar o ambiente do lar, das relações de verdadeiro amor e diálogo entre os esposos; o enriquecimento da personalidade da mulher através da maternidade; a realização pessoal do homem ao construir uma unidade de ser e vida com a esposa, e em dar a vida e ensinar o caminho aos filhos, como muito mais importante e gratificante que seus êxitos na bolsa, no faturamento da empresa, na conquista dos mercados e derrota dos competidores? O ser humano foi feito para a felicidade. Ora, a felicidade está na plena realização de sua natureza humana, racional e emotiva: feita para a luta pela vida, mas também para o repouso do guerreiro. Na certa, quase todas as culturas diversas da nossa sociedade-mercadoria, foram mais capazes de produzir seres humanos felizes e ajustados. É a qualidade de vida, a felicidade 'per capita', o verdadeiro indicador do sucesso de uma sociedade e de uma cultura; e não o produto nacional 'bruto' ou 'por habitante'. Ora, para essa qualidade total de vida, isto é, para uma vida humana total, a família tem uma importância incomparável.

(Conferência para as Jornadas sobre Família, ODUICAL - Universidad Católica de Asunción, Paraguay, 21 a 23 de junho de 1995)

## Bibliografia

- MARTIN BUBER, *Eu e tu*. Trad. N. Zuren. São Paulo, 1979.
- G. W. F. HEGEL, *Fenomenologia do Espírito*. Trad. Paulo Meneses. Vozes, 1992.
- Id., *Princípios da Filosofia do Direito*. Trad. O. Vitorino. 1990.
- RALPH LINTON, *O homem. Uma introdução à antropologia*. Trad. L. Vilela. Livraria Martins Fontes, 1976.
- MARCEL MAUSS, *Ensaio sobre a dádiva*. Trad. M. Almeida. In *Sociologia e antropologia*, II, EPU/EDUSP, 1974.
- CLAUDE LÉVI-STRAUSS, *As Formas elementares do parentesco*. Trad. port. M. Ferreira. Vozes, 1982.
- Lily Pincus - C. Dare, *Psicodinâmica da família*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1981.
- HENRIQUE C. L. VAZ, *Antropologia filosófica*, II, Ed. Loyola, 1992.
- D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*, Ed. Francisco Alves, 1978.

Endereço do Autor:  
Rua do Príncipe, 526  
50050-900 Recife - PE